

# MIGRAÇÕES PIONEIRAS E DINÂMICAS TERRITORIAIS: OS CASOS DO ALTO PARANÁ E DO CANINDEYÚ NO PARAGUAY

SYLVAIN SOUCHAUD\*

**RESUMO:** O processo pioneiro, que está se desenvolvendo no Paraguai iniciou-se no fim dos anos 60. A originalidade dessa frente pioneira reside na binacionalidade dos colonos, que são paraguaios e brasileiros. Nesse artigo, analisamos a progressiva formação de territórios. Com efeito, a interação, entre as correntes migratórias e os espaços em construção, levou a uma série de territórios diferentes, e em evolução constante. Desde sempre foram polarizados para o Brasil, mas hoje talvez estivessem demonstrando sinais de um relativo processo de autonomização. Observamos em particular, duas áreas de colonização rural. A primeira, no Departamento de Alto Paraná, constituída principalmente por populações brasileiras. A Segunda, na região Leste do Departamento de Canindeyú, fronteiro com o Brasil; área com características plurais, quer a nível das populações, quer a nível das atividades.

**Palavras-chaves:** colonização rural, territorialização, fronteiras internacionais.

## PIONEER MIGRATIONS AND TERRITORIAL DYNAMICS: THE CASE STUDY OF ALTO PARANÁ AND CANINDEYÚ IN PARAGUAY

**ABSTRACT:** The colonization process that is going on in Paraguay started at the end of the Sixties. This front originality comes from pioneers binationality, who are both Paraguayans and Brazilians. In this article, we analyse the gradual formation of territories. Indeed, different series of changing territories rise from the interaction that exists between migration contexts and spaces in construction. They had been forever orientated toward Brazil, but today, they may be showing elements of their progressive autonomization. Basically, we observe two areas of colonization. The first one situated in the Department of Alto Paraná, is mainly constituted by Brazilians populations. The second one, in the Eastern region of Canindeyú department which has a border with Brazil, is a space with more characteristics, culturally and considering its activities

**Key Words:** rural colonization, territories, international frontiers.

Em 1964, inaugura-se a primeira ponte brasileira-paraguaia sobre o rio Paraná. Estabelece uma ligação entre Ciudad del Este (chamada naquela época Presidente Stroessner) e Foz do Iguaçu, e além, entre Asunción e as metrópoles do Brasil atlântico do sul. Dá-se o nome de "ponte da amizade" à construção. Fato não somente simbólico já que os dois países entram, a partir daí, numa fase histórica de cooperação que vai conduzir à colonização da zona extrema oriental do Paraguai (mapa 1), periferia tradicionalmente marginalizada.

\* Université de Poitiers, France

Faculté de géographie

Migrinter: *Migrations Internationales, espaces et sociétés*, CNRS

Desejamos agradecer ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá (Paraná, Brasil), por seu acolhimento e ao Professor César Miranda Mendes pela correção do texto.

O governo paraguaio solicita, de forma oficiosa, a entrada de pioneiros brasileiros cuja função seria reformar e modernizar a agropecuária paraguaia.

A integração internacional desejada leva a formação de fluxos de entrada de migrantes no Paraguai. Começa de maneira tímida para “arrebentar” nos anos setenta. Assim, o número de brasileiros, presentes no Paraguai, e em maioria concentrados na região Leste, passaria de aproximadamente 70 000 a mais de 300 000 no decorrer da década.

Além da *ponte da amizade*, dois outros pontos de entrada destacam-se. São os dois conjuntos de cidades binacionais espalhadas ao norte do departamento de Alto Paraná. O primeiro, a vila de Salto del Guairá Guaíra, no departamento de Canindeyú, na margem direita do rio Paraná, frente à cidade paranaense de Guaíra. O segundo, situado na “divisa seca”, é o espaço urbano binacional formado de Pedro Juan Caballero, no Departamento de Amambay e Ponta Porã, no Estado do Mato Grosso do Sul.

Vamos deixar de lado, nesse estudo, o Departamento de Amambay e se dedicar aos fluxos migratórios que passam por Salto del Guairá e Ciudad de Leste.

A partir dessas duas entradas, os brasileiros penetram a zona leste do Paraguai, domínio da densa mata tropical estacional, à procura de terras férteis e baratas.

No entanto, observam-se, tanto no Norte (Canindeyú) como no Sul (Alto Paraná), certas tendências quanto a progressão pioneira. Espalha-se em direção ao Norte e em direção ao Sul, mantendo sempre uma distância mínima com a fronteira. Com efeito, uma ligação com o Brasil tem que ser mantida porque os colonos brasileiros, que não recebem nenhuma espécie de ajuda, da parte do governo tanto paraguaio como brasileiro, se apoiam numa sólida rede de solidariedade na região de origem<sup>1</sup>. Essa revelou ser importantíssima, quer para o êxito da instalação no Paraguai, quer para as formas atuais de polarização regional.

Hoje, trinta anos depois do começo da colonização, nasceram, a partir desses dois fluxos migratórios, uma variedade de territórios que se podem evidenciar a nível regional e micro regional.

Nesse artigo, nos dedicaremos à área de: La Paloma - Katueté - Puente Kyjhá, no Canindeyú, e a de Santa Rita - Naranjal - Santa Rosa, no Alto Paraná (mapa 2).

Representam espaços que saíram de um processo puramente pioneiro para tomarem-se territórios diferenciados<sup>2</sup>. Desejamos analisar não somente as modalidades das suas evoluções, mas também as suas capacidades de influir no espaço<sup>3</sup>.

## A REGIÃO DE SANTA RITA, UM PROCESSO DE COLONIZAÇÃO EXEMPLAR?

A área formada pelo conjunto de Santa Rita, Naranjal e Santa Rosa é muitas vezes apontada como exemplar do dinamismo brasileiro no Paraguai. Porém, o rápido crescimento que conhece hoje é bastante recente e nem atinge todos os municípios.

<sup>1</sup> O Paraguai, que sempre teve uma atitude ambígua para com os Brasileiros raramente os incluiu nos programas de colonização de terras fiscais. Além, de maneira esporádica mas freqüente, as autoridades locais adotaram métodos discriminatórios com os Brasileiros, que conduziram a violências. Para esse aspecto veja-se Cortéz C. (1993); Sprandel M.A. (1993); Wagner C. (1986).

<sup>2</sup> Essa análise funcional do espaço refere-se à definição de “catena pionnière” exposta por Pébayle R. (1978), a partir dos casos do Noroeste do Paraná e Mato Grosso do Sul meridional.

<sup>3</sup> Grande parte dos dados expostos nesse artigo foram recolhidos na ocasião de uma estadia no Paraguai oriental entre janeiro e abril de 1997. Esse trabalho de campo fez-se no âmbito da apresentação duma tese de doutorado. Por conseguinte, expomos aqui parte da problemática dessa investigação e não pretendemos chegar a conclusões.

## Da colonização à integração territorial

No princípio dos anos setenta, muitos colonos oriundos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, passam a fronteira paraguaia na ponte sobre o rio Paraná, para espalharem-se no Departamento de Alto Paraná. Em razão da subida dos preços da terra, conseqüência do esgotamento de terras virgens nas regiões de origem, onde os colonos chegam ao Paraguai com a esperança de conseguir melhores possibilidades de ascensão social<sup>4</sup>. Aí, duas condições são necessárias: a fertilidade das terras e o seu baixo preço.

Nesse processo, nada de novo aparece, a expansão pioneira sempre seguiu as regras de um ciclo que combina expansão / expulsão, no qual, cada pioneiro, apesar do seu papel, pretende a progressão social. Essa realiza-se na sucessão de etapas migratórias, durante as quais o pioneiro vai acumulando um capital, logo transformado em terras, até a estabilidade espacial. Por enquanto, o movimento perpetua-se com a chegada de novas gerações de pioneiros no ciclo.

Nessa ótica, o Paraguai vai logo representar uma área com possibilidades imensas. O preço das terras será durante muitos anos, o décimo daquele praticado no sul do Brasil. Por conseguinte, a venda, no Brasil, de uma parcela, mesmo mínima, ou a acumulação de um pouco de capital proveniente da venda de materiais, faz sonhar qualquer migrante. Enquanto a qualidade das terras, é espantosa, o Alto Paraná meridional apenas procura boas condições. Essa densa mata tropical ocupa os solos, que nessa região, são essencialmente derivados dos basaltos da formação Trapp. É o domínio de uma terra roxa jamais explorada, *Eldorado* cobiçado pelos plantadores, desde a época da colonização do Estado de São Paulo (P. Monbeig, 1952).

O clima propicia também cultivos variados, sempre que se tome em conta alguns excessos. Embora a média anual das temperaturas, no oriente, fique a 21,4 C e a média mínima mensal não passe abaixo de 16 C, as geadas são conhecidas e resultam da continentalidade regional. As precipitações, em toda a faixa oriental do Paraguai atingem 1500 mm, repartidas em toda a estação úmida (de outubro a abril). A estação seca ocorre de maio a setembro com dois meses secos, julho e agosto.

Essas condições naturais vão, sem dúvida contribuir ao sucesso de cultivos diferentes como o soja e o trigo, gerando o desenvolvimento da região.

É difícil datar com exatidão a fundação das colônias de Santa Rita, Naranjal e Santa Rosa. Mas, segundo os testemunhos recolhidos, nasceram simultaneamente por volta de 1972. Rapidamente, a área de Naranjal demonstrou maior dinamismo, devido, em grande parte à atividade da família Ludecke. Hoje, ainda moram em Naranjal, além de terem residências no Paraná (Foz do Iguaçu, por exemplo).

No princípio dos anos setenta, depois de comprar várias terras na área, vendem lotes de uma área média de 10 alqueires. Os compradores, são sobretudo gaúchos do Rio Grande do Sul. Rapidamente, a produção se organiza. Nos dois ou três primeiros anos, planta-se menta. É de notar que esse produto tem uma função particular, de transição, no processo de colonização. Não precisa mecanização e permite até três colheitas ao ano; durante esses anos, e graças à renda imediata que fornece a menta, limpa-se e prepara-se completamente o lote para poder passar à policultura mecanizada.

Então, as famílias de colonos devem, ao mesmo tempo, conseguir uma renda monetária (menta) e ir derrubando e preparando a parcela. Mas não é só, têm que plantar cultivos de subsistência e, participar nos trabalhos coletivos (abertura de caminhos; construções de edifícios públicos: igreja, escola;...).

<sup>4</sup> Muitos dos colonos brasileiros que chegam ao Paraguai, provém da região de Cascavel no Estado do Paraná. Contudo, Cascavel constituiu, para um grande número, uma etapa do processo migratório. De fato, reivindicam-se como originários do Rio Grande do Sul ou do Santa Catarina mas, sua última etapa é Paranaense. Nesse momento da pesquisa, ainda não realizamos investigações sistemáticas sobre a origem geográfica dos migrantes. No que se refere às causas da expulsão do brasileiros, consulte-se Kohlhepp, G. (1991) e Pébayle (1994).

Com o tempo, a colônia vai se organizando, colonos entram, outros saem; a menta vai desaparecendo da paisagem e com ela a mão de obra estacional (bóias frias). Chega a moto niveladora, e já não há necessidade de uma etapa de transição. A mata se derruba rapidamente e aparece o soja, o trigo, o girasol. Os lotes se expandem, os que não conseguem seguir o ritmo emigram, e uma só família assume a maior parte dos trabalhos da propriedade. Deslocam-se com carros ou tratores do campo até à aldeia onde agora vivem.

Hoje, a área urbana do município mostra uma atividade tranqüila. Não se nota nada da euforia de "outrora", e a comunidade conseguiu um nível e uma qualidade de vida dos quais os moradores se orgulham. Com efeito, a história de Naranjal tomou-se famosa porque é associada à "saga" da família Ludecke<sup>5</sup>. Conseguiram organizar, para a formação da colônia, sólidas redes migratórias, entre o Estado brasileiro do Rio Grande do Sul e a colônia de Naranjal. Além de fornecerem colonos, foram muito importantes para a exportação da produção agrícola, o abastecimento em capitais, materiais, e até produtos alimentícios.

Embora os moradores fiquem, de maneira geral, satisfeitos da sua situação, a aldeia mantém uma forte identidade brasileira e particularmente gaúcha. Por exemplo, a área urbana é atravessada por uma via dupla não asfaltada, porém, separada por um gramado. Esse pormenor é característico da urbanização brasileira. As residências são quase unicamente de madeira, e são construídas segundo princípios de organização e construção germano-brasileiros. Por fim, nessa área, mais vale falar o português do que o castelhano.

Contudo, não nos podemos esquecer que a colonização é recente e que as novas gerações, nascidas no Paraguai, vão com certeza, optar por novos padrões culturais. A nível familiar, observam-se já alguns casamentos luso-paraguaios. O bilinguismo é quase sistemático nos jovens e optariam mais facilmente, no caso em que pudessem seguir estudando, por cidades paraguaias<sup>6</sup>.

Acabamos de ver as grandes etapas da formação de Naranjal. No mesmo período, Santa Rita e Santa Rosa conheciam esse processo embora de maneira menos expressiva. Todas se beneficiaram dos mesmos fatores internos (condições naturais, preço da terra) e externos (origem geográfica, social e cultural dos migrantes).

Em 1984, esse equilíbrio é radicalmente transformado pela chegada do asfalto na região. A via que passa por Santa Rita e vai transformar a configuração regional, tanto a nível urbano quanto a nível rural.

## **Polarização e progresso da agricultura**

A construção da pista asfaltada veio permitir, em poucos anos, a progressão rápida do setor agrícola. A policultura motorizada que existiu desde do princípio da colonização de Santa Rita, tem agora a possibilidade de dar um pulo. Com efeito, esse setor precisa, não somente de terras férteis e baratas, mas também de um conjunto de infra-estrutura, comércio e de comunicação. Sendo uma atividade agrícola que se dedica à exportação, sofre ainda mais com o problema crucial da agricultura pioneira: o isolamento. Esse aspeto, e em particular o papel central dos intermediários já foi estudado por vários autores (Pébayle R., 1985; Aubertin C. et Léna P., 1986).

Neste caso, o que nos interessa, é que o isolamento desaparece, a partir do momento em que a zona pioneira integra a área de influência da região sul do Brasil. Essa orientação decorre em grande parte do estabelecimento anterior de redes de migração e encontra-se propulsada pelas obras de infra-estruturas. A pista, liga Encarnación a Ciudad

<sup>5</sup> O escritório do "patriarca" Ludecke, em Naranjal, fica numa casa de madeira e é simplesmente mobilado. Nas paredes, são expostas numerosas placas comemorativas e prêmios que foram recebidos nas ocasiões de visitas de ministros e presidentes.

<sup>6</sup> É de notar que, segundo os vários relatórios publicados pelo ministério de estatísticas paraguaio, Pnud e UNESCO, o nível educacional nos departamentos colonizados, e logo no Alto Paraná e no Canindeyú, seria dos mais baixos no Paraguai. Esse fato parece contraditório com os resultados sócio econômicos que apresentam essa região, e que são dos melhores do país.

de Leste e de lá, à costa atlântica brasileira. Com ela, aparecem instalações tais como silos, cooperativas, ... muitas delas brasileiras. Essas infra-estruturas comerciais do setor agrícola, os brasileiros foram aprendendo a manejá-las nos estados colonizados neste século (São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul). No entanto, a expansão no Leste do Paraguai corresponde a uma ampliação, e não somente uma criação, da área de abrangência desse setor comercial cuja função é a conexão, da agricultura com a indústria de transformações, ou seja, entre o campo e a cidade.

Dessa nova forma de polarização brasileira vão resultar novas modificações na paisagem rural. Vamos ver algumas delas, sempre na região de Santa Rita.

Com o desenvolvimento da região vão emergir, o aumento dos preços da terra e a criação de um modelo de agricultura empresarial.

Por conseguinte, a aquisição de lotes para a policultura de subsistência tornou-se mais difícil. O movimento modernizador não foi seguido pelos paraguaios e logo, a área agrícola segue largamente dominada pelos Brasileiros.

Com a mecanização do setor agrícola, se favoreceu a formação urbana. Primeiro porque os agricultores do setor comercial beneficiam-se de meios de locomoção próprios, e não têm necessidade de viver no campo. Além de motivações pessoais, pode ser necessário para eles morar em centros que contam com serviços terciários (bancos, armazéns, provedores de insumos), já que se tornaram agricultores-negociantes.

Das novas necessidades surgem os centros urbanos e com a evolução, dos níveis de vida e das mentalidades, nascem exigências da parte dos rurais recentemente instalados nos centros urbanos. De maneira que Santa Rita possui agora novas escolas, uma policlínica moderna, bancos, restaurantes e não somente lanchonetes, e até um hotel quatro estrelas. Aparece, hoje, como uma localidade central cuja área de abrangência vai aumentando. É de notar, por exemplo, que a nível agrícola, Santa Rita organiza, no mês de maio, uma feira, a segunda do país em importância, que atrai produtores e negociantes do Paraguai inteiro e do Brasil do Sul.

Evidentemente, a diversificação e o crescimento das atividades levam à formação de novas correntes migratórias as quais poderiam constituir uma alternativa ao caráter expulsivo do setor agrícola.

Santa Rita, Naranjal e Santa Rosa, conheceram um processo de formação homogêneo até a modificação dos dados territoriais, quando o crescimento ocorreu em Santa Rita. Das três, Santa Rosa foi a que menos se destacou.

Hoje, o espaço apresenta certas características. Conserva uma forte identidade brasileira, e em particular gaúcha, devida à história da formação das colônias; e o caráter, cada vez mais expulsivo, do setor agrícola. Região dominada pela policultura comercial, é grandemente dependente do seu "hinterland".

Seria todavia um erro considerar o Oriente paraguaio sob esse único ângulo; o espaço colonizado revela conjuntos de complexidades diferentes.

## **O CASO DA ÁREA DA COLONIZAÇÃO DO LESTE DO DEPARTAMENTO DE CANINDEYÚ**

### **A ocupação do espaço e a formação das colônias de Puente Kijhá, Katueté e La Paloma<sup>7</sup>.**

A análise de interpretações de fotos satélites<sup>8</sup> de Canindeyú, demonstra uma ocupação do espaço diferente da observada no Alto Paraná. Primeiro, o processo de

<sup>7</sup> As três representam hoje municípios com uma área urbana que varia entre 500 y 2000 habitantes.

colonização não envolve tanta superfície; a maior parte da metade ocidental do Departamento está coberta pela mata. Segundo, a área ocupada reparte-se entre os cultivos e as pastagens. A agricultura, lá também predomina, é a policultura do soja associado ao milho.

Infelizmente, os levantamentos de satélites são recentes demais para permitirem uma análise diacrônica das atividades. Parece, segundo as estatísticas e os testemunhos recolhidos na região, que ambas progridem e são complementares.

A pecuária semi-extensiva serve muitas vezes à preparação das terras para a agricultura. A essa primeira observação, tem que se levar em conta outra, a qualidade dos solos.

O Canindeyú representa um espaço de transição geológica. Mesmo se a mata tropical estacional cobre todo o território, os solos são de qualidade variável para a agricultura. Derivam tanto de arenitos do Jurássico, como de basaltos da formação Trapp. Na parte oriental, uma faixa de basaltos estende-se do norte até o sul, uma largura aproximada de 100 km<sup>9</sup>. Porém, nessa área, encontram-se inclusões de arenitos. Ao oeste dessa região, aparece uma extensa zona de arenitos até além do leste do departamento, com exceção de uma parte basáltica de 2000 a 3000 km<sup>2</sup> que ocupa o centro do Canindeyú.

Essa alternância criou desilusões nos colonos que pensavam que as terras roxas não tinham limite<sup>10</sup>.

Dessa repartição pedológica decorre grande parte da repartição do espaço, entre a agricultura e a pecuária.

Essas colônias, cujas fundações datam da segunda metade dos anos sessenta, hoje em dia, estão sujeitadas a grandes mutações. Revelam uma evolução menos linear e mais caótica que as colônias do Alto Paraná, das quais acabamos de falar.

No princípio, a ocupação da região é a consequência da proximidade da fronteira internacional. O núcleo de povoação mais antigo é Salto del Guairá<sup>11</sup>. Esse ponto, durante o regime Stroessner, assume um papel estratégico. A vila, a aldeia, é mantida somente como posto fronteiriço.

Quando Stroessner lançou a colonização, nomeia, nessa região como em outras, civis ou militares com a função de controlar a colonização brasileira e promover a colonização paraguaia<sup>12</sup>.

Assim, tanto os brasileiros como os paraguaios colonizaram essa região, Puente Kijhá sendo em maioria paraguaia, Katueté mais brasileira e La Paloma binacional. Durante muitos anos, o crescimento desse conjunto é muito fraco. Puente Kijhá representa, durante os primeiros tempos, a colônia mais ocupada. Dedicar-se a uma agricultura de subsistência em micro parcelas (roças).

---

<sup>8</sup> Imagens Spot do Departamento de Canindeyú, interpretadas pelo Ministério da Agricultura e Ganadería, Asunción, não tinham sido publicadas em 1997.

<sup>9</sup> Veja-se *World Soils Map, South America*, 1: 5.000.000, F.A.O., International Society of Soil Science, UNESCO, Paris, 1971.

<sup>10</sup> É de notar que no Mato Grosso do Sul, o cultivo da soja, pratica-se em solos derivados de arenitos. Realiza-se à força de elevados gastos de adubação, os quais, os produtores no Paraguai não assumem, por razões econômicas e por inexperiência.

<sup>11</sup> O sítio de Salto del Guairá, conhecido no Brasil sob o nome de Sete Quedas, foi sempre em litígio enquanto ao traçado da fronteira. Cada país reivindicou a posse da queda. O litígio solucionou-se com a inundação da área, consequência da formação da bacia da usina hidrelétrica de Itaipu.

<sup>12</sup> Encontramos, em Salto, um civil, ex-militar, que desempenhou esse papel durante muitos anos. Quando chegou à região, por primeira vez nos anos 60, ficou logo impressionado pelos movimentos dos brasileiros. Relatou a situação aos seus ex-superiores militares em Assunção e, pouco a pouco, tornou-se o representante onipotente do governo paraguaio na região.

## Intensificação e diversificação da colonização

Nos anos setenta, os fluxos migratórios diversificam-se e intensificam-se. Mais uma vez, entra a frente pioneira da policultura comercial. De novo, é trazida e liderada pelos brasileiros<sup>13</sup>. A essa fonte, junta-se a da pecuária, semi-intensiva, dedicada ao mercado exportador. Os criadores provêm, não somente da região Sul do Brasil, mas também do Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais.

Muitos paraguaios deixaram a atividade agrícola para instalarem-se nas formações urbanas onde praticam pequenas atividades comerciais (artesanato, comércio, hospedagem). Esses foram os que tiveram mais êxito. Outros migraram para além da fronteira agrícola, ou para os grandes centros urbanos do país (Asunción, Ciudad de Leste). Outros ainda, praticam a agricultura de subsistência em colônias dirigidas pelo Estado (I.B.R., Instituto del Bienestar Rural), ou em assentamentos. A região de estudo conta com um assentamento, Santa Marta, que fica a uns quilômetros ao norte de Puente Kijhá.

Hoje, Puente Kijhá está em declínio; Katueté aparece como a mais dinâmica, e a mais povoada. Podemos achar estranho que seja o ponto mais afastado da fronteira, o que beneficia do maior dinamismo. Parece que mais uma vez, o asfalto é responsável pela situação. Entre 1978 e 1982, as obras conduzidas na região vão ligar Ciudad del Este e Katueté. O eixo entre Katueté e a fronteira vai ficar sem asfalto.

As conseqüências são múltiplas. Primeiro, favorece a agricultura comercial, contribuindo ao seu desenvolvimento em direção ao Brasil. Segundo, reforça o isolamento das duas outras colônias (Puente Kijhá, La Paloma).

Não obstante, as configurações territoriais podem se transformar de novo, nos próximos anos. Chega, há três ou quatro anos, a energia elétrica em toda a área. Além disso, acabam-se, em 1997, as obras de asfaltação no eixo Katueté, Salto del Guairá. Por fim, a uns quilômetros de Salto, uma ponte, sobre o rio Paraná, une, desde o princípio de 1998, a Mato Grosso do Sul com o Paraná (Mapa 3).

As três colônias, agora reunidas pela estrada, estão desenvolvendo novas funções dentro e além da região. Beneficiam, além, de uma variedade de comunidades, tanto brasileiras como paraguaias, que praticam atividades diversas.

Por fim, a imigração para a região se está desenvolvendo de novo, mas esta vez, no setor terciário. Nascem atividades nos serviços, em conseqüência do desenvolvimento, dentro dos municípios, das áreas urbanas.

## CONCLUSÃO

Desejamos mostrar, pela apresentação de duas regiões dos departamentos de Alto Paraná e Canindeyú, a complexidade dos processos de territorialização na área de colonização paraguaia.

No primeiro caso, observam-se, modos de ocupação e populações bastante semelhantes. Naranjal foi beneficiada, no início da colonização, por uma rede migratória sólida. Quando chegou a estrada asfaltada que contribuiu para o fim do isolamento da zona, Santa Rita entra numa fase de rápido crescimento.

A partir daí, iniciou-se ou confirmou-se, por causa da progressão do setor agrícola comercial, a polarização brasileira dessa região Sul do Alto Paraná, num contexto de globalização das atividades.

Enquanto à região oriental do Canindeyú, esse processo de polarização também se observa. Todavia, ao contrário do Alto Paraná, os distintos espaços observados denotam

<sup>13</sup> Encontramos, nessa fase, a produção da menta cuja função foi descrita antes. Não a vamos descrever já que é, em muitos aspectos, semelhante à do Alto Paraná.

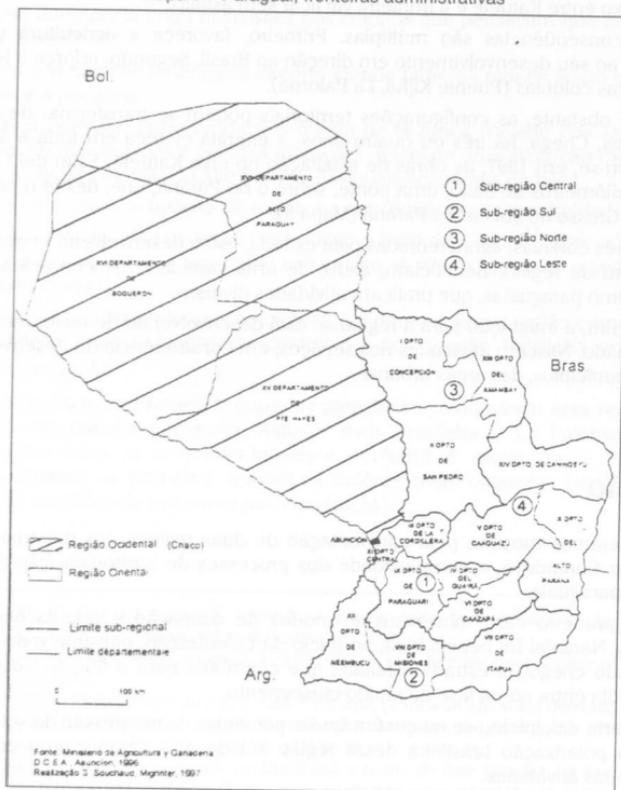
formas de territorialização mais diversas. Mas o espaço ainda está sujeito a profundas transformações, dada a diversidade de atividades e populações que surgem na região.

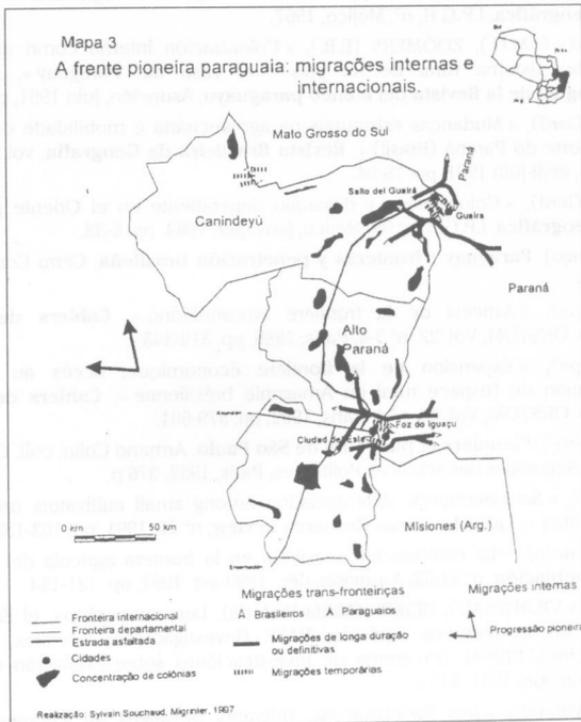
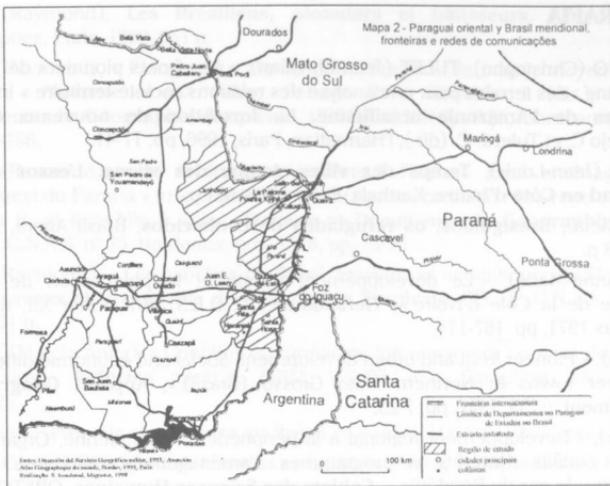
Assunção, na condição de principal cidade e capital do país, observa a região pioneira, e apesar de uma atitude ambígua, elogia o Alto Paraná e desleixa o Canindeyú. Todavia, as duas regiões são complementares no processo pioneiro e de fato, escapam ao controle do centro político.

No âmbito do estabelecimento do Mercosul, as tendências à polarização para a região Sul do Brasil constituem uma preocupação essencial, não somente para o Paraguai, mas também para o Brasil que sofre de desequilíbrios regionais. Se o Brasil passou, "do arquipélago ao continente", segundo a expressão de H. Théry (1995), o Paraguai possui ainda numerosas ilhas com um futuro inseguro, e um deles, o conjunto de departamentos de Alto Paraná e Canindeyú, já está formando parte do "continente brasileiro".

O que interessa é a maneira como, a partir desse processo, a região oriental consegue passar, se tal é o caso, de um desenvolvimento endógeno a um desenvolvimento exógeno, ou seja, de territórios polarizados a formas de regionalização.

Mapa 1 – Paraguai, fronteiras administrativas





## BIBLIOGRAFIA

- ALBALADEJO (Christophe), TULET (Jean-Christian), « Les fronts pionniers de l'Amazonie brésilienne : des terrains pour une analyse des relations société-territoire » in **les fronts pionniers de l'Amazonie brésilienne. La formation de nouveaux territoires**, Albaladejo C. et Tulet J.-C. (dir.), l'Harmattan, Paris, 1996, pp. 17-41.
- CHALEARD (Jean-Louis), **Temps des villes, temps des vivres. L'essor du vivrier marchand en Côte d'Ivoire**, Karthala, Paris, 1996, 661 p.
- CORTÊZ (Cácia), **Brasiguaios, os refugiados desconhecidos**, Brasil Agora, São Paulo, 1993, 218 p.
- COTTEN (Anne-Marie), « Le développement urbain et la polarisation de l'espace : l'exemple de la Côte d'Ivoire », **Tiers-Monde**, I.E.D.E.S, PUF, tome XII, n° 45, Paris, janv.-mars 1971, pp. 167-174.
- COY (Martin), « Pioneer front and urban development. Social and economic differentiation of pioneer towns in Northern Mato Grosso (Brazil) », **Applied Geography and Development**, n° 39, 1992, pp. 7-29.
- COY (Martin), « Développement régional à la périphérie amazonienne. Organisation de l'espace, conflits d'intérêts et programmes d'aménagement dans une région de « frontière »: le cas du Rondônia », **Cahiers des Sciences Humaines**, ORSTOM, Vol. 22, n° 3-4, Paris, 1986, pp. 371-388.
- GAINARD (Romain), « Sous-développement et déséquilibres régionaux au Paraguay », **Revista Geográfica**, I.P.G.H, n°, Méjico, 1967,
- KLEINPENNING (J.M.G.), ZOOMERS (E.B.), « Colonización interna como estrategia del cambio del sistema rural de un país : el caso del Paraguay », **Suplemento antropológico de la Revista del ateneo paraguayo**, Asunción, juin 1991, pp. 43-63.
- KOHLHEPP (Gerd), « Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural no Norte do Paraná (Brasil) », **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 53, n° 2, Rio de Janeiro, avril-juin 1991, pp. 79-94.
- KOHLHEPP (Gerd), « Colonización y desarrollo dependiente en el Oriente paraguayo », **Revista Geográfica**, I.P.G.H, n° 99, Méjico, janv.-juin 1984, pp. 5-33.
- LAINO (Domingo), **Paraguay : fronteras y penetración brasileña**, Cerro Corá, Asunción, 1977, 227 p.
- LENA (Philippe), « Aspects de la frontière amazonienne », **Cahiers des Sciences Humaines**, ORSTOM, Vol. 22, n° 3-4, Paris, 1986, pp. 319-343.
- LENA (Philippe), « Expansion de la frontière économique, accès au marché et transformation de l'espace rural en Amazonie brésilienne », **Cahiers des Sciences Humaines**, ORSTOM, Vol. 28, n° 4, Paris, 1992, pp. 579-601.
- MONBEIG (Pierre), **Pionniers et planteurs de São Paulo**, Armand Colin, coll. Cahiers de la Fondation Nationales des sciences Politiques, Paris, 1952, 376 p.
- NAGEL (B. Y.), « Socioeconomic differentiation among small cultivators on Paraguay's eastern frontier », **Latin American Research Review**, n° 26, 1991, pp. 103-132.
- NEUPERT (Ricardo), « La colonización brasileña en la frontera agrícola del Paraguay », **Notas de población**, n° 51-52, Asunción, déc. 1990-avr. 1991, pp. 121-154.
- PALAU (Tomás VILADESAU), HEIKEL (María Victoria), **Los campesinos, el Estado y las empresas en la frontera agrícola**, BASE (Investigaciones Sociales, Educación, Comunicación), PIPSAL (Programa de Investigaciones sobre Población en América Latina), Asunción, 1987, 333 p.
- PEBAYLE (Raymond), « Les Brésilguayens, migrants brésiliens au Paraguay », **Revue Européenne des Migrations Internationales**, Migrinter, C.N.R.S, Vol.10, n° 2, Poitiers, 1994, pp. 73-86.

PEBAYLE (Raymond), **Les Brésiliens, pionniers et bâtisseurs**, Flammarion, coll. Géographes, Paris, 1989, 361 p.

PEBAYLE (Raymond), « Franges et catenas pionnières » in *le bassin moyen du Paraná brésilien : l'homme et son milieu*, Pébayle R. et Koechlin J. (dir.), **Travaux et Documents de Géographie Tropicale**, CEGET, C.N.R.S, n° 35, Bordeaux, nov. 1978, pp. 177-186.

PEBAYLE (Raymond), « De la frange pionnière à l'espace rural aménagé, dans le Nord-Ouest du Paraná » in *le bassin moyen du Paraná brésilien : l'homme et son milieu*, Pébayle R. et Koechlin J. (dir.), **Travaux et Documents de Géographie Tropicale**, CEGET, C.N.R.S, n° 35, Bordeaux, nov. 1978, pp. 33-75.

PEBAYLE (Raymond), « Les gaúchos du Brésil. Eleveurs et agriculteurs du Rio Grande do Sul », **Travaux et Documents de Géographie Tropicale**, CEGET, C.N.R.S, n° 31, Brest, 1977, 531 p.

SPRANDEL (Marcia Anita), « Conflitos em fronteiras internacionais : o caso dos chamados Brasiguaios », **Reforma agrária**, ABRA, Vol. 23, n° 3, Campinas, sept.-déc. 1993, pp. 17-25.

THERY (Hervé), **Pouvoir et territoire au Brésil**, M.S.H.S. E.H.E.S.S., Paris, 1995.

WAGNER (Carlos), **Brasiguaios, homens sem pátria**, Vozes, Petrópolis, 1990, 86 p.